

## **EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA DE EMPODERAMENTO DE ESCOLARES**

**FERNANDA GROSSELLI<sup>1</sup>; GLAUCIA FRAGOSO HOHENBERGER<sup>2</sup>; SILVANA CEOLIN<sup>3</sup>; MARCELO MELO SILVA<sup>4</sup>; RITA MARIA HECK<sup>5</sup>.**

<sup>1</sup>*Faculdade de Enfermagem (FEn), Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – nandinhagrosselli@hotmail.com*

<sup>2</sup>*FEn, UFPeL – glaugfh@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFPeL – silvana\_ceolin@yahoo.com.br*

<sup>4</sup>*FEn, UFPeL – marcello\_melo@yahoo.com.br*

<sup>5</sup>*Professor Associado da FEn, UFPeL – rmheckpillon@yahoo.com.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

Saúde e educação são conceitos que não podem caminhar sozinhos (BARBA et al., 2003). Assim, a educação em saúde deve ser vista não apenas como ações pedagógicas para gerar e disseminar conhecimentos, mas, antes de tudo, como uma possibilidade de desenvolvimento e geração de mudanças pessoais e sociais (GONÇALVES et al., 2008).

A educação em saúde, como processo político pedagógico, requer o desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo, que permita conhecer a realidade e propor ações transformadoras que levem o indivíduo a construir sua autonomia, sendo capaz de opinar nas decisões de saúde para o cuidar de si, de sua família e da coletividade (MACHADO et al., 2007).

Neste sentido, a escola deve ser entendida como um espaço de relações, privilegiado para o desenvolvimento crítico e político, que contribui na construção de valores pessoais, conceitos e maneiras de conhecer o mundo, e que interfere diretamente na produção social da saúde (BRASIL, 2009).

Ademais, a escola oferece a possibilidade de educar por meio da construção de conhecimentos resultantes do compartilhamento dos diferentes saberes: aqueles contidos nos conhecimentos científicos das diferentes disciplinas; aqueles trazidos pelos alunos e seus familiares e que expressam crenças e valores culturais próprios; os divulgados pelos meios de comunicação; e aqueles trazidos pelos professores, resultantes de vivências pessoais e profissionais (BRASIL, 2009). Dessa forma, entende-se que para educar em saúde é preciso um olhar integral, que considere o sujeito em sua individualidade, mas, também, inserido no seu contexto familiar, na coletividade e na sociedade (SILVA; SENA, 2008).

Considerando a escola como um espaço de ensino-aprendizagem, convivência e crescimento relevantes na formação dos indivíduos (GONÇALVES et al., 2008), o objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de atividades de educação em saúde desenvolvidas com escolares e ressaltar a importância destas ações.

### **2. METODOLOGIA**

Tratou-se de um estudo qualitativo, vinculado ao projeto de pesquisa e extensão “Uso de plantas medicinais e as práticas populares de saúde entre escolares da região Sul do Rio Grande do Sul”, desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas no período de setembro de 2011 a agosto de 2012. Este, foi motivado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do projeto “Investindo em Novos Talentos da Rede Pública para Inclusão Social e Desenvolvimento da Cultura Científica”, conhecido também como “Programa Novos Talentos”. Os sujeitos foram 65 escolares pertencentes a três turmas de ensino fundamental de duas escolas do município de Pelotas. A coleta de dados efetuou-se a partir de 18 oficinas (seis com cada turma), realizadas na escola e na universidade. O embasamento teórico metodológico das oficinas deu-se por meio da proposta pedagógica de Paulo Freire (2011). Após as oficinas, os educando escreveram uma redação sobre o significado das oficinas em suas vidas. Os dados que surgiram das redações foram analisados por meio da proposta operativa de Minayo (2007) e separados em temas. Foram respeitados os princípios éticos cabíveis a pesquisas com seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, protocolo 020/2011.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O início das atividades se deu por meio do conhecimento do espaço escolar e da comunidade onde residem os escolares. Profissionais das áreas de enfermagem, fisioterapia, biologia e agronomia ministraram as oficinas, nas quais foram abordados temas relacionados ao conhecimento anatômico e fisiológico do corpo humano; discussão sobre meio ambiente, alimentação saudável e saúde; diálogos sobre plantas medicinais e indicações de uso das mesmas. Utilizaram-se recursos didáticos como: discussões em roda, cartazes, pinturas, jogo da memória e vídeos.

No que diz respeito à educação em saúde na escola, entende-se ser necessário que o profissional da saúde integre os educadores no planejamento, implementação e avaliação das ações (FIGUEIREDO et al., 2010). Visto que, os mesmos, além de terem maior contato com os educandos, estão envolvidos na realidade social e cultural de cada discente (DAVANÇO et al., 2004). Nesta perspectiva, os diretores das escolas elencaram as turmas que participariam do projeto, as quais estavam trabalhando com conteúdos possíveis de fazer aproximação com os temas saúde, ambiente e plantas medicinais. Bem como, os professores responsáveis pelas turmas foram envolvidos nas atividades e analisaram as produções dos educandos, adequando-as como recursos avaliativos para a disciplina curricular.

As atividades proporcionaram ao educando a possibilidade de conhecer o próprio corpo por meio do manuseio de peças de modelos anatômicos e de uma breve explanação sobre a nomenclatura e função das estruturas corporais. As ações também oportunizaram diálogos sobre os cuidados com a alimentação e a importância de hábitos saudáveis para uma melhor qualidade de vida. Desse modo, a atuação dos profissionais da saúde e, especialmente, do enfermeiro como agente educador pode estimular as pessoas a refletirem sobre suas condições de saúde, auxiliando na construção da autonomia no cuidado.

Durante as discussões sobre meio ambiente e saúde, os escolares foram estimulados a relatar quais ações dos indivíduos são prejudiciais para o meio ambiente e seus reflexos na saúde. Este diálogo possibilitou a identificação dos problemas da comunidade em relação ao cuidado com a natureza e oportunizou a conscientização de que as ações de degradação ambiental tem impacto significativo na saúde, pois tornam o espaço mais suscetível ao aparecimento de doenças.

De acordo com GAUDIANO; KATRA (2009) a medida em que se desenvolve o pensamento crítico sobre as condições e os problemas do meio em que se vive,

fortalecem-se atitudes e comportamentos responsáveis, solidários e emancipatórios. Neste sentido, entende-se que a educação em saúde é fundamental para despertar valores nas crianças, que possibilitem ações transformadoras perante o ambiente em que estão inseridas (CEOLIN, 2012).

No decorrer das ações foi possível observar que os escolares tornaram-se multiplicadores de saberes, pois absorviam os conhecimentos abordados nas oficinas e os transmitiam a seus familiares e demais integrantes do seu convívio social. Assim, as informações foram compartilhadas e, conseqüentemente, outras pessoas adotaram hábitos de vida mais saudáveis. Dessa forma, FIGUEIREDO et al. (2010) afirmam que a atuação da promoção de saúde escolar supera os limites do grupo de escolares, ocupando-se também da família, do espaço físico escolar, dos educadores e da comunidade em si.

A realização de atividades de educação em saúde com escolares contribui para a formação do cidadão crítico, estimulando a autonomia, o exercício de direitos e deveres, o controle das condições de saúde e qualidade de vida, com opção por atitudes mais saudáveis (BRASIL, 2009). Sendo assim, o enfermeiro e os demais profissionais da saúde, a partir de uma relação dialógica, podem atuar como mediadores de saberes, facilitando a problematização da realidade e auxiliando no desenvolvimento da consciência crítica do educando (FREIRE, 2011).

#### **4. CONCLUSÃO**

A escola é um ambiente de múltiplas possibilidades e a promoção da saúde é uma potencialidade a ser desenvolvida neste espaço, pois possibilita discussões acerca dos problemas que permeiam a sociedade e que influenciam no processo saúde e doença. Acredita-se que a parceria entre saúde e educação favorece a construção de um território e de uma população mais saudável e consciente.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBA, P.C.S.D. et al. Promoção da saúde e educação infantil: caminhos para o desenvolvimento. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.13, n.26, p.141-146, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na escola**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

CEOLIN, S. **O processo de educação em saúde a partir do diálogo sobre plantas medicinais: significados para escolares**. 2012. 108f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

DAVANÇO, G.M. et al. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a curso de educação nutricional. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.17, n.2, p.177-184, 2004.

FIGUEIREDO, T.A.M. et al. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.397-402, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAUDIANO, E.G.; KATRA, L.F. Valores e educação ambiental: aproximações teóricas em um campo em contínua construção. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.34, n.3, p.41-65, 2009.

GONÇALVES, F.D. et al. A promoção da saúde na educação infantil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.12, n.24, p.181-192, 2008.

MACHADO, M.F.A.S. et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS - uma revisão conceitual. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.335-342, 2007.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SILVA, K.L.; SENA, R.R. Integralidade do cuidado na saúde: indicações a partir da formação do enfermeiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.42, n.1, p.48-56, 2008.